

## LINGUAGEM E COAUTORIA DE MUNDO - ALGUMAS POSSIBILIDADES EXISTENCIAIS

WELLINGTON AMÂNCIO DA SILVA

Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade Estadual da Bahia – UNEB/Campus VIII

E-mail: welliamancio@hotmail.com

**RESUMO:** Neste artigo intentamos suscitar algumas questões sobre a linguagem, a partir da sua concepção, aliás, muito clara, de instrumento de coautoria existencial – e, conseqüentemente, de mundo. Assim, fizemos um estudo a partir de alguns conceitos filosóficos tratados por Heidegger, como, por exemplo, o de sentido, de significado, de subjetividade, de intersubjetividade, de objetividade, de encontro, etc. A partir desses conceitos, apresentamos também outros correlacionados: consenso, autoria e coautoria. Dito isso, expressões como “alcance”, “encontro”, amálgama, acordo e “partilha” são fenômenos que, nesta perspectiva, clarificam o existir com o outro, a partir do diálogo entre duas dimensões existenciais do ser aqui ponderadas, a saber, a abstração (*linguagem*) e a concretude (*lida*). A coautoria não parte de uma *hermenêutica* ou de uma *exegese* da existência, mas, antes, da co-construção dos sentidos de mundo e, ainda, das possibilidades existenciais na linguagem compartilhada e constituída em sua dimensão mais concreta, a saber, de estar com o outro. Para isso, buscamos, a partir de alguns tópicos do segundo Heidegger, de *Sein und Zeit*, esboçar as possibilidades e condições do ser através da linguagem, e, em Frankl, aludimos à que essas possibilidades e condições se fazem no itinerário difícil do encontro consigo – *conditio per quam* do razoável ponto de partida ao encontro com o outro.

**Palavras-chave:** Existência. Coautoria. Frankl. Heidegger.

**ABSTRACT:** In this article we wish raise some questions about the language from its conception, in fact, very clear, existential co-authoring tool - and consequently the world. We did so from some philosophical concepts treated by Heidegger, for example, the sense of meaning, subjectivity, intersubjectivity, objectivity, meetings, etc. Addition, we also present other correlated: consensus, authoring and co-authoring. That said, expressions such as “achieve”, “meeting”, amalgamation, arrangement and “sharing” are clarifying the phenomena exist with each other through dialogue between two existential dimensions of being considered here, namely the abstraction (*language*) and the concreteness (*work*). Co-authoring not part of a *hermeneutic* or an *exegesis* of existence, but before the co-construction of the world of senses and even existential possibilities of the shared and incorporated in its most concrete dimension language, namely, living with each other. For this we seek from some topics according to Heidegger, *Sein und Zeit* of, sketch the possibilities and conditions of the being through language, and Frankl alluded to these possibilities and conditions make the difficult journey of encounter with - *conditio per quam* reasonable starting point to meet with each other.

**Keywords:** Existence; Co-authoring, Frankl, Heidegger

## 1. INTRODUÇÃO

Ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-lo.

Viktor Frankl

Costuma-se afirmar que a condição de ser e estar do *sujeito* da linguagem é antes “sujeitar-se”<sup>1</sup> (*subjectio*) à existência constituída de sentidos, mas que este não suporta por longo tempo, a partir do seu nível de protagonismo cognitivo, estagnar-se na orla quadrada cartesiana de qualquer significação e convenção do mundo. Por causa disso, os sentidos, que são os próprios homens, não se cristalizam. Tal significação já é dada, como uma plataforma, porém, o sujeito é um ser *em aberto* que não poderá tomar a *sua* existência como acabada – toda orientação formal é provisória; conquanto, há também as possibilidades de coadoção de sentidos como alternativa àquela base hegemônica estrutural, que se quer, de sentidos. Dessa forma, as dimensões existenciais que a linguagem humana possibilita em comunicação apresentam os seres humanos entre si, instando entenderem-se uns aos outros. Talvez seja a motivação de alcançar o outro e a si mesmo, a maior de toda essa constituição polissêmica de mundo onde todos projetam sua autoria existencial.

## 2. INSEPARABILIDADES

A própria vontade de sujeito da linguagem é a de encontrar sentidos, nas condições de não-sentido, dentro da presença do mundo. “Assujeitar-se” ao inevitável *amor fati*<sup>2</sup>, é, primeiro, “sujeitar-se” a si mesmo, no ímpeto revolucionário inerente a essa condição de si *autopoiética* – não é estagnação, mas receptividade daquilo que não pode ser dito e que, posteriormente, será entendido e expresso. Aí, não há passividade, mas contemplação: na contemplação há uma dinâmica – e esta ocorre num plano interior do ser, o qual nunca é inativo, indiferente. Por outro lado, diante da “passividade” do mundo representado (objetivado e estanque) é que o sujeito desperta para o movimento “anti” aquilo que o incomoda, porque

1 Todo aquele que se percebe único, *in-dividuo*, descobre-se como sujeito de uma multiplicidade de seres constituidores de mundos.

2 Do “sofrimento inevitável”. Frankl, Viktor. *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 1991a, p.100.

desacomoda e agrega-se ao movimento contínuo da vida, seja gozo, ou seja dor. A heurística do ser nasce sempre de um incomodar-se com a existência – tudo que se quer é entendê-la; entendendo, no *infinitivo*.

O *sujeito* é o seu próprio tema em face da *ek-sistência*; ainda em acepção heideggeriana, sua copertença ao ser do mundo é incondicionada, pois é dele, até que viva e até que deixe viver, sua obra *após* a vida – tal obra é um legado para a humanidade. Não haverá afastamento<sup>3</sup>, mesmo que o sujeito possa compreender nessa unidade uma complexidade interconecta de elementos.

A expressão composta *Ser-no-mundo* (*In-der-Welt-sein*) já mostra que pretende visar a um fenômeno de unidade. Deve-se considerar tal achado como um todo. Não sendo possível que constituição permita uma dissolução em elementos, isso não exclui que ela seja formada por uma multiplicidade de momentos estruturais. (SZ, § 12, p. 53.).

Pertencer a si mesmo é copertencer ao mundo no ser *sujeito-a*<sup>4</sup>, e quando percebe que o mundo para ser seu é preciso dar-se ao próprio mundo e nele se integrar, pois a “sua própria existência só se realiza pelo conhecimento do mundo.” (Lavelle, 2012, p.44). Não falamos de “holismos” ou de “totalização”, mas de inter-relações, de sua compreensão, do laborar em seu entendimento – o que nos permite apreender os aspectos identitários, as individualidades em suas dimensões especulares e de alteridades. Pois:

se fossemos postular a partir do paradigma das totalidades, que atravessa horizontalmente a maiorias das bem conhecidas teorias da modernidade observaríamos que, diante do grande e antigo dilema sujeito/objeto, por meio da linguagem, seria uma resultante específica, a saber, a estruturação simbólica do objeto, isto é, da tentativa de representá-lo por meio da linguagem [...]. (Da Silva, 2014, p.76).

Portanto, também essencial, um *referencial periférico* do mundo arrebatava o homem, ofuscando-lhe, por um momento, do desejo inato de apreender-se no mundo como um mundo, no *lidar* (pragmática) com os objetos – mesmo que ligeiramente - apenas “a sua frente”, *prae esse*, num na perspectiva de devir<sup>5</sup>. É preciso amalgamar-se ao mundo, mas, antes, desconstruir os conceitos de infausto (pretexto da passividade), para que se encontrem

3 Coloca-se, a partir de Heidegger, a expressão *Sein-bei innerweltlich*, isto é, ser-junto no-interior-do-mundo. (SZ §50, p. 250)

4 O aspecto ontológico essencial do ser humano é estar *sujeito-a*, isto é, sendo um ser *em aberto*, sem ponto final, diante da Angústia ou da frustração existencial, bem como dos seus opostos, ele nunca *descansa*, antes, na linguagem interior e exterior, se “pré-ocupa” consigo, com o outro e com o mundo e, a tais universos sujeita-se, isto é, transpõe o véu visando deparar-se com o Novo, que, ao mesmo tempo, é problema e decifração, ambos provisórios. No apogeu desse existencial, uma esfinge diz a esse Édipo: “decifra-me ou te devoro”. Ou, em outro contexto, absurdamente existencial, da pedra que desce para Sísifo com respostas provisórias, mas com respostas... porque ela volta do alto. (no monte há respostas).

5 Heidegger apresenta a questão do *Ser-já-adiantado-de-si* (*Sich-worweg-schon-sein-in*) no mundo, como providência, não como uma espera, mas como um esperar. (SZ, §50, p. 250)

as imanências necessárias nessas “oposições” descritas por linguagem.

De todo modo, a *intencionalidade* da consciência na fenomenologia de Husserl (2006, 2012, 2013) é posta em Heidegger (2006/2009) como clarificação da existência por meio primeiro da lida e depois em linguagem.

O mundo objetivado, isto é, aquele que se apresenta ao indivíduo por doação de sentidos, não o deixa acomodar-se – a não ser que este lute para suportar a sua *antinatureza*, o comodismo implícito na frustração da *res extensae*, isto é, das coisas que se atribui significado diante do sujeito, mas sem uma relação tangencial. Eis, certamente, a raiz da Angústia moderna.

Com efeito, o acordo com a vida significa viver; é menos traduzi-la. Viver, mas não de qualquer jeito. Viver requer assumir a Vida como principal meta orientadora das reflexões e ações para o bem e em prol da própria Vida, como constante *avanço para além*, a partir de um dado, isto é, da própria vida, que não sou apenas eu: a libertação da “ordem simbólica” da cultura humana, por meio desta atitude que transcende o que denominamos aperfeiçoamento pessoal. Destarte, “aquele que entende tão só para si mesmo, isto é, aquele que unicamente tende à realização de si mesmo, decerto que fracassa” (FRANKL, 1989, p.102). Assumir uma postura crítica, engajada e aberta em face do mundo é estar disposto a mudanças, a todo tempo. O indivíduo é um ser *em aberto*. Sua abertura é para a multiplicidade complexa do mundo.

Ao *revoltar-se* à reflexão profunda do ser pelo próprio ser, eis a questão inescapável para a compreensão da sua identidade ontológica que é um constructo histórico e porta de saída para o mundo; seu ser que atravessa a tênue representação histórica do ente Humano é o que antes precisará clarificar-se na intuição primária do encontro que é a lida do ser-aí, aquilo que aproxima tangencialmente o ser com ele mesmo, isto é, com o mundo. “Pois a partir do mundo o ente poderá, então, revelar-se no toque e, assim, tornar-se acessível em seu ser simplesmente dado” (Heidegger, 1997, § 12, p. 93). O ser não seria uma unidade, uma singularidade, por assim dizer, mas um alcance *em aberto* das possibilidades do mundo; não saberemos o que é o ser se tentarmos entendê-lo isolado do contexto do mundo.

### 3. ENCONTRO, FRUSTRAÇÃO E ANGUSTIA COMO PONTOS DE PARTIDA

O encontro do ser com é encontro silencioso, sobretudo prático – que é a linguagem pura de sua apoteótica feição ontológica se realizando, reconhecida como verdade interior

no contato com os fatos, num relacionamento instrumental como condição de acesso aos fatos. “No encontro, aqueles que se encontram não são duas mônadas, sim, seres humanos que contratam um ao outro com logos, isto é, com o sentido do ser” (FRANKL, 2011, p.18). Seu discurso urge uma abertura para o caminho outro rumo ao *outro-ser*, “criando um trabalho ou praticando um ato (da *lida* que possibilita, quando justa, um ciclo de afetividades com o mundo); experimentando algo ou encontrando alguém (o sentido teleológico do Conhecimento); pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável (como aquilo que a linguagem não alcança, não se define, apenas se contempla). (FRANKL, 1991a, p.100).

As possibilidades de uma escritura objetiva da realidade, caracterizada na linguagem, atravessam os percursos heterogêneos da subjetividade, onde o ser busca ser entendido desejoso de entender o outro, no *ser-com-outros* heideggeriano (*Mitsein mit anderen*)<sup>6</sup>. Disso parte a afirmativa de Merleau-Ponty (2002), segundo a qual “todos veneramos secretamente esse ideal de uma linguagem que, em última análise, nos livraria dela mesma ao nos entregar às coisas” (p. 24).

Por outro lado, (não na condição de entregar *para*, mas de extrair *da*), a Modernidade, de Freud, a Marx ou a Weber, estas tentativas se tornaram frustradas pelo desencantamento do mundo através do objetivismo duro<sup>7</sup>. Quando o argumento do conhecimento como crença verdadeira e justificada<sup>8</sup> é sustentado nessa coerência é preciso desconstruir a coerência em busca de algum contradito. É preciso *deixar em aberto*, visto que o esgotamento de sentidos no quadrado cartesiano esgotaria qualquer devir. Talvez, por isso, a aceitação de sentidos acabados tenha tornado o sujeito *existencialmente frustrado*. (FRANKL, 1991b, p. 155).

A percepção do sujeito de sua unificação com a natureza é, primeiro, anterior a linguagem, por exemplo, segundo Gumbrecht (2010), se faz, antes, na *presença* dessa natureza que o sujeito e é que lhe é, também, exterior. Mas, é na percepção de si que se dá o conflito incontornável (como se o conceito de indivíduo fosse de uma difícil adoção, não resolvesse o caso...).

Portanto, a situação originária existencial desse despertar nos permite uma auto-percepção, acerca da nossa individualidade culturalmente construída, por assim dizer, é revelada diretamente na experiência da Angústia que é, antes de tudo, um desejo do ser de

6 [...] und im Mitsein mit Anderen um das eigenste Seinkönnen selbst geht. [...] e em seu *ser-com-outros*, se efetiva seu poder-de-ser mais imediato a si. (SZ, § 39, p, 181).

7 Talvez Auschwitz tenha sido o auge do objetivismo, naquilo que ele possuía, isto é, ainda possui de mais denso e ao mesmo tempo vazio de sentidos. Daquilo que se buscou violentamente equivocando-se, naquilo que as palavras falharam ao descrever, ao esclarecer, ao denunciar, ao legitimar; naquilo que a imensidão matemática do crime não poderia ser representada em palavras. Talvez Auschwitz tenha sido o marco inicial do apogeu tanto da Dicotomia, como da experiência história entre os dois polos antagonísticos de poder no Pós-Guerra, cuja cruel síntese parece ter se contentado, momentaneamente, em Hiroshima e Nagasaki. Ainda sobre dicotomia, não é o seu oposto negativo, o Mal, que é ruim, mas a própria Dicotomia constitui malignidades, quando opõe um modelo injusto de Bem. Ambos são maus, como se comprovou, historicamente.

8 Crença, verdade, e justificação são palavras quase antagonísticas, uma em relação às outras, quando como proposição combinada para um discurso coerente de um conhecimento realizado.

manter-se aqui e agora, para sua auto-fixação<sup>9</sup> no tempo e no espaço.

Com efeito, essa Angústia é “conflitiva” e a parte do ser que sofre: a natureza inescrutável que a mitologia grega denominou - em proto-projeção - de gigante, de deus (γίγαντομαχίας) na peleja parcial com o ser (ουσία) que o vence, por meio da ordenação categorial dos entes no logos, isto é, na filosofia, tornando agora, explicável e, portanto, compreensível, da nossa natureza, quebrando a linha tênue parmenidesiana entre o que é ser e o que “é” não-ser.

Talvez, do resultado desse combate iniciado, mais ou menos, século VI a. C., temos que o homem de hoje é “existencialmente frustrado”, e sofre de um sentimento de falta de sentido, precedido por um sentimento de vazio, de um vazio existencial para sua vida (FRANKL, 1991, p. 155). O retorno ao combate inacabado, aparentemente vencido, primeiro, na condição de frustração existencial pelo silenciamento de si e, depois, no campo da Angústia como percepção da “insuportabilidade” dessa frustração - desse inconformismo ante um conformismo lógico - faça recomeçar o projeto nesse turbilhão apenas de “significado linguísticos”, pela preponderância do *logos* grego no mundo (não sem sentido, mas alienado de presença).

#### 4. OS ENCONTROS DO SER

A *Dis-posição* nasce aí, disto é originária. Ao sentir-se lançado no mundo, é preciso constituir sentidos em compreensão (linguagem interior) e comunicá-la (linguagem exterior)<sup>10</sup>, como abertura originária do ser como *ser-no-mundo*. As lidas anteriores e posteriores aos sentidos constituídos, em seus “erros e acertos”, possibilita ao ser *ser-mundo*.

O *ser* é o liame mediador entre presença e sentido, como o fundamento ontológico estruturador em qualquer possibilidade de linguagem (visto que é sempre para o ser), mesmo dentro das limitações inerentes a ela, ou seja, de sua dependência intersubjetiva entre o ser no plural da comunicação com o *outro-ser*, isto é, na constituição de copresença, *Mitdasein* (SZ § 26).

Assim, o mundo da vida se constitui, e por isso se institui, pela sua *tensão* de preenchimento integral - equilíbrio conflitivo -, equivalência à abertura de um horizonte de possibilidades de ipseidade e diferença como referencial dinâmico à adoção de modos de

<sup>9</sup> *Gigantomachia peri tês ousias (γίγαντομαχίας περι της ουσίας) Plato's Sophist. 246e In.* Bossi, Beatriz e Robinson, Thomas M. (Rev.) *Plato's Sophist Revisited*. Walter de Gruyter GmbH, Berlin (2013, p. 109).

<sup>10</sup> Os estoicos compreendiam estas duas dimensões da linguagem. A saber: linguagem interior (λόγος ἐνδιάθετος) e linguagem exterior (λόγος προφορικός) (*apud Galeno In Hippocr. de med.officina* vol. 28 B p. 649 K = SVF 2 frg. 135 p. 43.14-15 e *apud Sexto Empírico Adu. Math.* 8.275 SVF 2 frg. 135 p. 43.18-20 e 223 p. 74.1-6).

ser e estar, face ao mundo em suas possibilidades de *ipso* faticidade. O ser e estar tornam-se um existencial aprimorado pela conscientização, em face do horizonte da vida em suas possibilidades lançadas.

A referencialidade é já comunicação, porque se faz num jogo de “proporcionalidades conflitivas” entre *identidade* (fechamento) e *diferença* (abertura), em outras palavras, no aporte de signos e sentidos instituídos chamado tradição, e o aporte indexical (*indicialidade*) de significantes de “significados suplementares” que ganham sentido no contexto, *hic et nunc*, aonde se dão e buscam “emancipar o sentido a todo campo de significação atual” (DERRIDA, 1981, pp.15-17, 318,383), como ponto de partida de uma linguagem que é perspectivada. Emancipar o sentido a todo campo de significação atual.

Na tangência pré-ontológica da lida, na manutenção desse encontro, o belo (mediador afetivo) se torna um dos fatores fundadores de articulação da permanência da própria lida. A consciência motivadora visa à concretude do mundo; isso se inicia nas ordens dos sentidos e do entendimento, como um mediador que se lança ao mundo.

Tal sentido, que media e que lança, toma o primeiro contato do ser com o mundo como referências de *convivência*, nos exercícios táteis, orgânicos, intercambiáveis; a partir desta constatação, o desenvolvimento, a aproximação, a aquisição e a aprendizagem no mundo, lançam-se para além das interações concretas, convicto desses saberes, mas não como idealização da realidade praticável e oficiosa, mas como planejamento - situado e implicado -, de se manter junto àquilo que dá sentido nesse intercurso, que é, também, por assim dizer, uma mediação-afetiva.

O ser da linguagem ele mesmo é o único que, antes de tudo, e por direito, interroga o ser e que pode empreender-se num relacionamento com ele, interrogando a sua própria existência – vemos não um hermetismo, mas uma abertura. Este ser não se resume à comunicação e enunciação, mas às possibilidades de apreensão do mundo como apreensão de modos de linguagens diversos do/no próprio mundo e dos entes que nele há. Não se questiona aqui se há uma estrutura metafísica convencional estabelecida neste conceito, entretanto, sua efetivação é mais imanente aos objetos mesmos do que transcendente, no sentido de ser-separado do mundo - esta separação é instância tradicional de linguagem como *faculdade*, não da linguagem como aspecto inerente ao ser.

Se a linguagem é *facilitadora de apreensões*, por isso, liame entre o ser do sujeito e o mundo, todavia, aquilo que a antecede (*a lida*) *provoca* a intersubjetividade é *condition sine qua non*, de compreensão na medida de suas limitações. No entanto, permanece “o fantasma da linguagem pura”. (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 23). Assim, a concepção de que a palavra pode ter *outros* sentidos, a partir do vínculo imediato com um contexto, só terá validade “amanhã”, quando não mais valer a atribuição de relativismo, mas urgir a necessidade da

presença simples da vida.

A intersubjetividade doa, por sua vez, os múltiplos sentidos (não aparentes) em que pela linguagem se entende. *Eu só posso dizer que isto é isto, se dissermos em coautoria*. Como condição, *eu só posso saber o sentido do objeto se este sentido for, mais ou menos, consensual*, ou *nisi consensus sit conditiònalis* (a menos que o consenso seja condicional<sup>11</sup>). Como os sentidos são transmutados paulatinamente, estes perpassam, nesse diálogo, pela autoria de múltiplos sujeitos, visando à constituição de “consensos”. Portanto, quando o autor é anunciado, a coautoria é intrínseca, no mais das vezes, implícita. Nisso, o consenso é um acordo mútuo de subvenção<sup>12</sup>. Diante disso, a coautoria é entendimento compartilhado da existência em face desse mundo novo para a linguagem, isto é, o ainda não constituído e a se descobrir, onde as precondições de atuar são evidenciadas. O campo formal do existir, aquilo que é posto objetivamente nas trocas racionais de sentidos suportaria a extrema “inevidência” das subjetividades – lugar no não-formalizado?

## 5. O QUE SE CONCLUI?

O problema da mediação da presença (o mundo) e do sentido (a linguagem) é existencial; por outro lado, fora ofuscado, a partir do modelo ontológico do ser na metafísica, visto que sua inteligibilidade/sensibilidade sempre dependerá de *referenciais periféricos* adotados, isto é, não imanentes, a partir do ser e, sobretudo, apreendidos *de antemão*, por conceituações anteriormente estabelecidas, ou seja, de “pré-conceituações” próprias metafísicas *ad hoc* – caso identificado, posteriormente, pela fenomenologia.

Assim, o discurso da *faculdade da linguagem*<sup>13</sup> implicava reconhecê-la dentro da tradição filosófica, isto é, como instrumental, a partir do qual o pensamento ocidental é, historicamente, situado, e ainda, reconhecê-la como tal; em última instância, é representá-la como o *grande receptáculo* deste *saber* e componente organizacional ordenador desta mesma tradição, que a reconfigurou em sua substancialidade (ὑποκείμενον), para o seu modo de representar e comunicar, bem como da própria sua estrutura. Ou seja, a linguagem deverá trabalhar aí, dentro de uma lógica específica, e que a determina, mesmo sendo anterior a toda tradição que quer modulá-la.

11 Suarez, R.P. Francisci *Theologiae*. (p. 55, 1732).

12 A exemplo do acordo típico no Ocidente: “*consensu concessam sibi recepit*”. In: CICERO. *Fragmenta Poetarum Latinorum Epicorum et Lyricorum*. Berlin: Walter de Gruyter, 2011, p. 324, ou no sentido de harmonia, acordo e ajustamento (consenso) CÍCERO. *De Amicitia Selections*. Bolchazy-Carducci Publishers, Inc. Wauconda, Illinois USA, 2006. p. 22.

13 Aristóteles - ζῷον λόγον ἔχον (animal que possui a faculdade da palavra).

Merleau-Ponty havia dito que a linguagem é capaz de assinalar o que ainda nunca foi visto, num processo “que se constrói acima da natureza num mundo murmurante e febril” (p.33), observando que a construção do novo se faz de elementos antigos, isto é, da tradição – onde acham-se, *per constructio ad sensum*, todas as dimensões existenciais da coautoria, no espaço e no tempo histórico. Querer estar acima da natureza é desejo de conceber o Novo – palavra absoluta demais... pois quanto às condições de paradoxo desse Novo na linguagem, este abrir-se, pelo menos, às condições de um “não saber” é provisório até chegar a tradição; é o que se mostra num primeiro momento, como um *não-ainda-visto*; é aquilo que, momentaneamente, nos surpreende, “nos falte palavras”, muito embora, num processo de desenvolvimento de sentidos/significados. Para sabê-lo assim, isto é, para reconhecê-lo, vai-se (volta-se) à tradição que nele reside e circula dentro, como uma parcela de sentidos, *conditio sine qua non* de encontro tangencial com o mundo. O que é o novo, enfim? É apenas o ainda não percebido, onde a autoria ainda não articulou-o em palavra.

## REFERÊNCIAS

BOSSI, B. e ROBINSON, T. M. *Plato's Sophist Revisited*. Walter de Gruyter GmbH, Berlin, 2013.

CÍCERO. *Fragmenta Poetarum Latinorum Epicorum et Lyricorum*. Berlin: Walter de Gruyter, p. 324, 2011.

CÍCERO. *De Amicitia Selections*. Bolchazy-Carducci Publishers, Inc. Wauconda: Illinois, 2006.

DA SILVA, W. A. Aspectos da existência situada em Heidegger. *Revista Logos & Existência*, n. 3. V. 1, 2014a.

\_\_\_\_\_. *Contributions to the ontology of language – the conditions for co-authoring and possibilities of meaning*. 2. ed. Saarbrücke: LAMBERT Academic Publishing, 2014b.

DERRIDA, J. “La main de Heidegger (Geschlecht II)”, in DERRIDA, J. *Heidegger et la question: De l'esprit et autres essais*, Paris, Flammarion, 1990.

\_\_\_\_\_. *L'écriture et la différence*. Éditions Du Seuil. Paris, 1967.

FRANKL, V. E. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus, 2011.

\_\_\_\_\_. *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 1991a.

\_\_\_\_\_. *Psicoterapia para todos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991b.

\_\_\_\_\_. *Der leidende Mensch. Anthropologische Grundlagen der Psychotherapie*. Bern. 1996, S. 112

\_\_\_\_\_. *Psicoterapia e sentido da vida*. 3ª Ed. São Paulo: Quadrante, 1989.

GUMBRECHT, H. U. *Produção de Presença – o que o sentido não consegue transmitir*. Ed. PUC- Rio, Rio de Janeiro, 2010.

HEIDEGGER, M. *A Origem da Obra de Arte*. Edições 70, São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Tradução revisada de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, Bragança Paulista: Vozes, Universidade São Francisco, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Tradução Fausto Castilho. Edição Bilingue. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

HUSSERL, E. *Meditações Cartesianas e Conferencias de Paris*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

\_\_\_\_\_. *Investigações Lógicas – Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. *Ideia para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*. São Paulo: Ideias & Letras Editora, 2006.

LAVELLE, L. *O erro de Narciso*. São Paulo: É Realizações, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. *A prosa do Mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

RICOEUR, P. *Hermenêutica e Ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2008.

SUAREZ, R.P. F. *Theologiae*. p. 55, 1732.